

SOBRE ENSINAR E ORIENTAR DE FORMA AUTÔNOMA

Dayana Aparecida Marques de Oliveira Cruz

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

E-mail: d.dayana@hotmail.com

Anfiteatro IV, Presidente Prudente, 04 de dezembro de 2017. Foi o local e a data que o Programa de Pós-Graduação em Geografia marcou para que eu apresentasse publicamente, diante da família, da banca, e dos amigos o resultado de um trabalho que me deu o título de doutora. Vinte minutos foi o tempo que eu usei para apresentar “Geopolítica e integração regional: uma análise dos projetos de infraestrutura de transportes entre Brasil e Paraguai”. A banca - Nivaldo Hespanhol, Cláudio Egler, Lisandra Lamoso e Cássio Antunes – estava ali para avaliar, os amigos e a família na expectativa e na torcida para que tudo saísse como eu planejei.

Esse foi um dos dias mais emocionantes e significativos da minha formação! Entre os rostos conhecidos e os pesquisadores que avaliavam o resultado do meu trabalho, estava ali o meu orientador, Eliseu Savério Sposito, a pessoa que acompanhou todas as etapas do meu doutoramento, bem como os desafios que tanto me fizeram crescer como pesquisadora.

Os desafios foram muitos! O primeiro, foi adequar o projeto de pesquisa para pleitear a bolsa FAPESP. A primeira versão do projeto tinha como objetivo discutir os desdobramentos econômicos dos projetos internacionais de infraestruturas de transportes, através do estudo comparativo de três cidades: Dourados e Cascavel (no Brasil) e Ciudad del Este (no Paraguai). Lembro-me da orientação do professor Eliseu para incluir como basilar o conceito de rede urbana. A discussão sobre redes já havia sido incluída, no entanto, ela era limitada. Refletir sobre redes foi muito mais do que adequar o projeto,

significou compreender melhor o processo de globalização e como os projetos de infraestruturas elaborados no âmbito do MERCOSUL e do COSIPLAN/IIRSA estavam ligados às exigências globais para a troca de mercadorias, ao mesmo tempo em que os rebatimentos locais eram significativos.

No final do primeiro semestre de 2014, o projeto “Interações espaciais rede urbana: uma discussão sobre os desdobramentos do processo de integração sul-americana através das infraestruturas de transporte” foi aprovado pela Fapesp. A partir daquele momento, minha vida mudou completamente! Eu deixei meu emprego em uma escola pública na cidade de Tatuí/SP e voltei para Presidente Prudente para me dedicar à pesquisa. Conciliar a saudade de casa, as mudanças na rotina e as demandas da pesquisa, foi sem dúvida, um grande desafio.

A cada etapa cumprida do cronograma, eu me dava conta da dimensão do projeto. Em alguns momentos, a proposta ambiciosa parecia ser maior do que a minha percepção como pesquisadora em formação. Aos poucos, eu compreendia que analisar fenômenos contemporâneos em processo requer a capacidade de refletir, pesquisar e atualizar constantemente uma série de dados, normativas e acompanhar os acontecimentos. O impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff no Brasil, e a eleição de Maurício Macri na Argentina, trouxeram novos elementos que demandaram repensar o contexto político e econômico regional.

A cada etapa, lembro-me de entrar na sala para as reuniões com o professor Eliseu preocupada e surpresa com os acontecimentos. Em todas as vezes, as primeiras coisas que eu ouvia eram: Como você está? Como está a sua família? Nós falávamos sobre o meu trabalho, sobre música, sobre o tempo... As conversas eram breves, no entanto, elas eram certeiras quanto à orientação. Pequenos detalhes que eu não enxergava eram ressaltados, eu passava a ver o potencial das ideias que foram pouco exploradas e tinha mais confiança no caminho em que eu estava trilhando.

A reunião de orientação após o meu retorno do trabalho de campo em Assunção, no Paraguai, em novembro de 2015, foi decisiva para o resultado

da minha pesquisa. Eu havia entrevistado dois economistas (Fernando Masi e Luis Pereira) sobre o processo de integração no MERCOSUL e as propostas de infraestruturas, percebi ali que as questões sobre economia não davam conta de explicar a relação entre Brasil e Paraguai, bem como sobre a liderança brasileira na América do Sul. Comparei as entrevistas feitas no Paraguai, com as transcrições das entrevistas feitas na sede do Banco Inter-americano de Desenvolvimento (com Patrício Mansilla), no Chile, e com o então Alto representante-geral do MERCOSUL (Florisvaldo Fier), em São Paulo, e cheguei a mesma conclusão.

Na reunião com o professor Eliseu, lembro-me de estar perdida! Eu não sabia qual era o rumo que o trabalho deveria tomar. Lembro-me que calmamente ele me disse que estava tudo bem e que mudar ao longo do processo era parte da pesquisa acadêmica. Após isso, completou: - Dayana, agora seu foco está na geopolítica!

Eu vi ali um novo caminho, um novo fôlego para a pesquisa, porém confesso que fiquei assustada. Eu iria mudar o foco da minha pesquisa na metade do trabalho para um recorte analítico, que confesso não ter naquele momento muita familiaridade. Hoje só consigo pensar no quanto a experiência faz toda a diferença! No quanto o papel do orientador é decisivo para que o resultado de um trabalho seja bem-sucedido. Não consigo pensar na minha tese sem essa mudança de rumo!

Hoje reflito sobre a intersecção entre geopolítica e geoeconomia para a análise do contexto regional sul-americano, mas isso não seria possível se eu estivesse sozinha, se me fosse imposto uma mudança sem sentido ou ainda se a ideia original fosse mantida por ser a mais conveniente. Eu não sei qual seria o resultado, mas, certamente, não me traria tantas lembranças boas e nem me proporcionaria o crescimento intelectual que tive. A mudança fez com que eu me encontrasse em um caminho que tanto procurei, mas que desde a graduação eu não sabia ao certo se ele realmente existia.

Durante todo o meu doutoramento, eu estive diante de inúmeras possibilidades interpretativa e de trabalho com o referencial teórico, com os dados, com as ideias. Eu cresci muito nos quase quatros anos em que trabalhei na minha tese (2014 a 2017). Nada era impositivo, era de fato, uma orientação. Sob essa orientação eu me senti confiante e capaz para enfrentar os desafios impostos pela pesquisa, me senti leve e feliz para comemorar cada etapa concluída.

Por isso, no dia da apresentação pública da tese eu me senti tão à vontade! Aquele espaço era meu e eu sabia o quanto eu havia evoluído para estar ali. Não fazia sentido ficar nervosa ou ter medo da avaliação, eu me sentia pronta. Enquanto eu falava sobre a tese e observava as pessoas me ouvindo, a sensação de missão cumprida veio com o sentimento de gratidão ao professor Eliseu Sposito. Eu estava feliz! Não foi um peso ou um alívio estar ali, aquele momento representou uma conquista para a menina pobre da periferia para quem o título de doutora tinha muitos outros significados além do trabalho.

O dia da minha defesa foi muito especial porque eu vivi o que eu sempre imaginei que viveria. Isso seria impossível sem o apoio, a orientação, a disponibilidade, a postura ética e humana de alguém que acompanhou um período tão importante da minha vida. Mais do que um intelectual-artista, para mim a principal figura que Eliseu Sposito representa é a do professor que ensina e orienta de maneira autônoma, exemplo que levo comigo na prática como professora e pesquisadora.

Sobre o autor

Dayana Aparecida Marques de Oliveira Cruz

Licenciada, mestre e doutora em Geografia pela FCT/UNESP. Professora do curso de Geografia da UFS-CAR/Sorocaba. Atua nas seguintes áreas: planejamento urbano e regional, integração sul-americana, geopolítica, geografia dos transportes, cartografia e ensino

Como citar essa homenagem

CRUZ, D, A, M, O. Sobre ensinar e orientar de forma autônoma. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 173-176, 2019.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 173-176, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647